

“O Lixo pode ser mais que Lixo”: O Sentido do Trabalho para Catadores de Materiais Recicláveis

Autoria: Késia Aparecida Teixeira Silva

Resumo

O trabalho, que antes era visto apenas como meio de sobrevivência e acúmulo de riqueza, tornou-se uma das principais dimensões da vida humana, fazendo com que os indivíduos sejam identificados mediante as atividades que realizam. Assim, o trabalho adquiriu um novo sentido para os indivíduos, uma vez que a realização pessoal está intimamente relacionada ao seu reconhecimento perante a sociedade. O trabalho, que nas antigas sociedades já foi considerado indigno aos homens, sendo, portanto exclusivo aos escravos, tornou-se símbolo de dignidade humana, vindo posteriormente, com a industrialização das fábricas e conseqüente aumento do emprego, a tornar-se fonte de realização humana. Portanto, observa-se que em decorrência da atividade realizada e das condições de trabalho, bem como da forma como esta atividade é percebida pela sociedade, o trabalho pode ser considerado fonte de prazer ou sofrimento para os indivíduos. Partindo desta perspectiva, este artigo se propôs a compreender o sentido do trabalho para um grupo de catadores de materiais recicláveis em uma usina de triagem de resíduos urbanos em Arcos, região centro-oeste de Minas Gerais, a partir de uma abordagem sócio-construcionista. Para tanto, buscou-se apreender o sentido que esses trabalhadores atribuem ao trabalho realizado, bem como descrever sua trajetória de vida e a percepção que têm da atividade que desenvolvem. Optou-se por pesquisar os catadores de materiais recicláveis por ser esta uma atividade relativamente recente, que surgiu devido ao acúmulo do “lixo” nos centros urbanos e da necessidade de reciclar alguns de seus componentes. Adotou-se uma abordagem de pesquisa qualitativo-descritiva, realizada por meio de entrevistas semi-estruturadas. A interpretação dos dados coletados baseou-se na perspectiva construcionista social e, portanto, utilizou-se a proposta de análise da produção de sentidos. Os resultados evidenciaram a realidade vivenciada pelos catadores e a percepção que esses têm de seu trabalho, demonstrando as dificuldades enfrentadas e o preconceito da sociedade a eles atribuído pela atividade que exercem. Dessa forma, o sentido do trabalho para este grupo de catadores aproxima-se mais do sofrimento que do prazer, embora seja difícil explicar onde começa um e onde termina o outro, tendo em vista que em alguns momentos esses trabalhadores mostraram-se satisfeitos e felizes por estarem lá. Porém, afirmar que se trata de prazer é renegar a trajetória de cada um e o sofrimento vivenciado em decorrência do preconceito sofrido pela sociedade. Ao final esta pesquisa demonstrou que, de fato, o trabalho é incorporado ao trabalhador, afetando consideravelmente o sentido que esse tem de si mesmo e da atividade que realiza.

1 Introdução

O trabalho, mais que um meio de sobrevivência e acúmulo de riquezas tornou-se uma das principais dimensões da vida humana, interferindo na inserção do homem na sociedade, delimitando os espaços de mobilidade social, fazendo com que os indivíduos sejam identificados mediante as atividades que realizam. Desta forma o trabalho adquiriu um novo sentido para os indivíduos, uma vez que a realização pessoal está intimamente relacionada ao reconhecimento do trabalho perante a sociedade.

No decorrer do tempo, o significado do trabalho modificou-se, deixando de ser considerado um fardo necessário à sobrevivência, para tornar-se um meio de realização e valorização humanas. As sociedades antigas consideravam o trabalho indigno aos homens livres, sendo então uma atividade voltada para os escravos. Somente a partir do século XVI, através do protestantismo, foi que o trabalho tornou-se símbolo de dignidade humana e posteriormente, no século XVIII, com a industrialização, passou-se a considerá-lo algo além de mera sobrevivência, mas também fonte de realização (CARMO, 1992)

Nesta perspectiva, observa-se que o trabalho influencia consideravelmente a vida das pessoas e daí a necessidade de analisar seu sentido para os trabalhadores. Neste estudo, tal sentido foi investigado junto aos catadores de materiais recicláveis que trabalham informalmente em uma usina de triagem de resíduos urbanos (lixo) em Arcos, no centro-oeste de Minas Gérias.

Destaca-se que nos últimos anos a concentração populacional e o processo de industrialização aumentaram a quantidade de lixo e também ocasionaram mudanças na sua composição. Ao lixo, que até então era formado por restos de alimentos, cascas e sobras de vegetais e papéis, foram sendo incorporados novos materiais como o vidro, o plástico o isopor, borracha, alumínio, entre outros de difícil decomposição. Este fato, associado ao desemprego, à precarização das relações de trabalho e ao empobrecimento da população, levou muitas pessoas a procurarem seu sustento por meio do recolhimento de materiais recicláveis, abdicando de seus direitos sociais a fim de garantir sua sobrevivência (STOLZ, 2008). No Brasil, a força de trabalho dos catadores surgiu no início do século XX (JUNCA, 2004), mas ganhou impulso a partir da segunda metade da década de 1980, onde já se observava um perfil social marcado pelo preconceito e pela baixa qualificação profissional.

Diante do exposto, este estudo teve como objetivo apreender o sentido do trabalho para catadores de materiais recicláveis atuantes em uma usina de triagem de resíduos urbanos. Para isso, foi necessário conhecer o discurso referente à compreensão do trabalho e sua relação com o prazer e o sofrimento, mediante um processo de produção de sentidos utilizando-se uma abordagem sócio-construcionista em que o conhecimento acerca da realidade em que vivem pode ser retratado por meio de práticas discursivas com base em uma realidade socialmente construída.

Para tanto, este artigo encontra-se estruturado da seguinte forma: na próxima seção apresenta-se a revisão bibliográfica sobre a temática pertinente ao trabalho; na sequência tem-se a trajetória metodológica do estudo; estando ao final a análise dos dados coletados e as considerações finais.

2 Trabalho: prazer e/ou sofrimento?

Apesar de as pessoas se referirem ao trabalho em vários momentos como algo incômodo, desprazeroso e cansativo, observa-se que o trabalho tem grande importância na vida humana. Muitas pessoas perdem o sentido de existirem quando lhes é tirado o direito de trabalhar, por isso a grande repulsa pelo fenômeno do desemprego. Então, ao que parece, o

trabalho é uma mistura de prazer e sofrimento, em que não se sabe onde começa um e nem tampouco onde termina o outro.

2.1 As diferentes concepções de trabalho no decorrer do tempo

Não há como negar a importância que o trabalho tem na vida das pessoas. É por meio dele que se consegue o sustento, se alcança grande parte dos objetivos traçados e se realiza enquanto ser humano. O trabalho se mostra tão relevante que indivíduos que não possuem trabalho (desempregados) acabam perdendo também a identidade que possuíam na sociedade. Atualmente não conseguir um trabalho tornou-se motivo de vergonha e sofrimento.

Observa-se que o conceito sobre o que é trabalho sofreu modificações no decorrer da história. De acordo com Enriquez (1999) o primeiro conceito sobre trabalho surge nas sociedades na Grécia e Roma antigas, onde era tido como uma tortura, relacionava-se às necessidades básicas e não definia a liberdade nem a grandeza do homem; um trabalho que não valorizava nem a tarefa nem o indivíduo. Essa idéia sobre o trabalho teria perdurado até o início do século XV (ALBORNOZ, 1994).

Este primeiro conceito remete a origem latim da palavra trabalho: (1) *labor*, que significa dor, sofrimento, esforço; e (2) “*tripalium*” - instrumento de tortura -, que remete a associação de fardo e sacrifício (GODELIER, 1986). Viegas (1989) afirma que há uma perspectiva negativa do trabalho que representa punição, castigo e um peso para quem o realiza, estando relacionada ao trabalho alienado. Neste sentido, o trabalho pode ser visto como um trabalho “anti-vida”, que pode ser dito ocupação, mas não elaboração, construção (VIEGAS, 1989). Numa perspectiva teológica, o trabalho é visto como “castigo de Deus”, uma vez que após o pecado a humanidade foi punida tendo que extrair seu sustento através do seu suor, atribuindo ao trabalho um sentido obrigatório, árduo, penoso, fatigante, como relata o livro de Gênesis.

Num segundo momento o trabalho é percebido como um esforço físico ou intelectual direcionado para algum fim. “O significado ativo e desejado para realização de objetivos, onde até mesmo o objetivo realizado passa a ser chamado trabalho. Trabalho é o esforço e também seu resultado” (ALBORNOZ, 1994, p.12). Partindo de uma visão sócio-econômica, a partir do século XVII, o início do capitalismo levou a valorização do trabalho como causa do crescimento econômico e das riquezas. Com a ascensão da sociedade urbana industrial, o mesmo passa a ser algo monetário e a força de trabalho passa também a ser comercializada. Assim, o trabalho passa a caracterizar-se:

(...) pela indistinção entre utensílios e homem, pela especialização das funções, pela codificação das tarefas, pela retração de domínio, pela sua calculabilidade, pela falta de coerência entre meios e fins e pela determinação da vida por uma ordem externa e maior (DOURADO, 2007, p.30).

Na sociedade moderna e contemporânea, o trabalho demonstra a capacidade de “vencer na vida” em decorrência do trabalho realizado. As pessoas bem-sucedidas sentem-se estimuladas a trabalhar cada vez mais, e por este estímulo, forjam uma imagem de que estão sempre satisfeitas com suas ocupações. A participação na abundância e o sucesso profissional são aspectos essenciais para a integração social e o desemprego constitui sentimento de derrota (CARMO, 1992).

Atualmente o trabalho ganhou uma dimensão mais profunda na vida das pessoas. Em decorrência do aumento mundial do desemprego, os indivíduos passaram a valorizar cada vez mais o fato de possuir um trabalho. Principalmente devido à sociedade não enxergar com bons

olhos pessoas desempregadas, atribuindo a elas desqualificação, incapacidade e até marginalização. Neste sentido, o trabalho passa a ter uma dimensão psicológica na vida do trabalhador, afetando a forma como este percebe o mundo e a si próprio na sociedade. Conforme relata Mendes (2007), o trabalho apresenta-se como fonte de prazer e sofrimento, ocupando um papel eminentemente dialético.

O trabalho passa a ter um lugar cada vez mais importante na sociedade. Ao se questionar as pessoas: “se você tivesse bastante dinheiro para viver o resto da sua vida confortavelmente sem trabalhar, o que você faria com relação ao seu trabalho?”, mais de 80% responderam que, ainda assim, trabalhariam (MORIN, 1997). Os motivos para tal resposta estão no fato de que as pessoas se relacionam e interagem por meio do trabalho, sentem-se pertencentes a determinado grupo, têm uma ocupação e passam a ter um objetivo na vida.

Antunes (2003) afirma que, para que exista uma vida cheia de sentido fora do trabalho, é necessária uma vida dotada de sentido dentro do trabalho. Uma vida desprovida de sentido é incompatível com uma vida cheia de sentido fora do trabalho. De modo que não é possível encontrar sentido na vida, se não houver sentido no trabalho realizado.

2.2 O sentido do trabalho

Para Vygotski (1991), sentido refere-se à soma de todos os eventos psicológicos evocados em nossa consciência através da palavra. O sentido é sempre uma formação dinâmica, variável e complexa, que tem zonas de estabilidade diferentes. A produção de sentidos tem sua gênese na experiência singular de um sujeito com uma situação concreta, em que “todo o comportamento nessa condição, representa um processo de produção de sentidos, que definidos dentro de um sistema de sentidos, atua sobre ele, produzindo novos sentidos” (GONZÁLEZ REY, 2004, p. 51). Segundo Frankl (1963) citado por Morin, Tonelli e Pliopas (2007), as pessoas necessitam de sentidos ao realizar suas atividades, caso contrário, mergulham numa “frustração existencial”. Daí a importância que os sentidos atribuídos ao trabalho têm na vida das pessoas.

Alguns estudos já foram realizados com o objetivo de desvendar o sentido que os trabalhadores atribuem ao seu trabalho. Dentre esses estudos destaca-se o trabalho do Grupo MOW (Meaning of Work, 1997), que foi pioneiro na investigação do tema a partir da década de 1950. O modelo proposto pelo grupo considera o significado do trabalho como um construto psicológico multidimensional e dinâmico, formado da interação entre variáveis pessoais e ambientais e influenciado pelas mudanças no indivíduo. As pesquisas realizadas pelo grupo consistem na classificação de seis padrões de definição do trabalho: (I) Padrão A, o trabalho é algo que acrescenta valor a qualquer coisa; (II) Padrão B, há um sentimento de vinculação (pertença) ao realizar o trabalho; (III) Padrão C, outros se beneficiam com este trabalho; (IV) Padrão D, alguém determina o que fazer, não é agradável; (V) Padrão E, o trabalho é mental e fisicamente exigente; e (VI) Padrão F, o trabalho tem um horário determinado para sua realização; faz parte das tarefas do indivíduo; e, recebe-se alguma compensação financeira para fazê-lo.

Observa-se que o modelo proposto pelo Grupo MOW apresenta: o caráter social do trabalho que visa, para além de benefícios individuais, contribuir com a sociedade (padrões A, B e C); as concepções negativas do trabalho, vendo-o como uma atividade desagradável, obrigatória para sustento (padrões D e E); e a concepção neutra do trabalho encarada como uma atividade que se realiza em um lugar e horário determinados, com uma remuneração para esta tarefa (padrão F).

Morin (2002), por sua vez, realizou uma pesquisa com estudantes de administração e administradores. Os resultados se aproximam daqueles obtidos pelo Grupo MOW. Entre os estudantes de administração foram identificados cinco motivos para o trabalho: (I) para

realizar-se e atualizar o potencial; (II) para adquirir segurança e ser autônomo; (III) para relacionar-se com os outros e estar vinculado em grupos; (IV) para contribuir com a sociedade; e (V) para ter um sentido na vida, o que inclui ter o que fazer e manter-se ocupado. De acordo com a autora, as características que o trabalho deve ter são consoantes com os motivos que estimulam esses estudantes ao trabalho: é necessário haver boas condições de trabalho (horários convenientes, bom salário, preservação da saúde); oportunidade de aprendizagem e realização adequada da tarefa; trabalho estimulante, variado e com autonomia.

Para os administradores as pesquisas de Morin (2002) realizadas no Canadá apontam que seis características possibilitam um trabalho que faz sentido. Em primeiro lugar, o trabalho que faz sentido é aquele feito de maneira eficiente e que leva a algum resultado. O trabalho também precisa ser satisfatório em si, ou seja, é necessário haver algum prazer e satisfação na realização das tarefas, resolver problemas, usar o talento e potencial, com autonomia. Além disso, o trabalho precisa ser moralmente aceitável, ou seja, ele deve ser feito de maneira socialmente responsável; os administradores não gostavam de trabalhar em atividades desrespeitosas, injustas ou imorais. O trabalho também precisa ser fonte de experiências de relações humanas satisfatórias, ou seja, a possibilidade da construção de laços de afeição. Assim, infere-se que o trabalho que tem sentido possibilita autonomia e garante segurança, visto que o trabalho está associado à noção de emprego e à condição de receber um salário que permita garantir a sobrevivência. E, finalmente, um trabalho que faz sentido é aquele que mantém as pessoas ocupadas, isto é, ocupa o tempo da vida, evita o vazio e a ansiedade.

Na perspectiva da psicodinâmica, Dejours (1987) entende que o trabalho precisa fazer sentido para o próprio sujeito, para seus pares e para a sociedade, sendo o sentido do trabalho formado por dois componentes: o conteúdo significativo em relação ao sujeito, que envolve a dificuldade prática da tarefa e o conteúdo significativo do objeto que envolve mensagens simbólicas que a tarefa pode também veicular para alguém.

Através dos estudos abordados verificou-se que o sentido do trabalho ultrapassa a antiga noção de que o trabalho era apenas um meio de subsistência na sociedade. As pesquisas demonstram que além de ser a principal fonte de sobrevivência para as pessoas, o trabalho é visto também como forma de ser aceito no meio social, interagir com outras pessoas, tornar-se membro de um grupo e se realizar enquanto ser humano.

3 Trajetória Metodológica

O estudo realizado caracteriza-se como qualitativo-descritivo, uma vez que busca obter uma visão geral sobre o sentido do trabalho para catadores de materiais recicláveis. Por meio da análise qualitativa tem-se o entendimento de situações em que se requer uma análise tanto descritiva quanto interpretativa (GIL, 1994), daí sua utilização neste contexto.

Participaram da pesquisa 7 dos 20 catadores de materiais recicláveis pertencentes à Associação dos Recicladores de Arcos (ARA). Dentre os entrevistados, 1 é do sexo masculino e 6 são do sexo feminino. Ressalta-se que o número de mulheres que trabalham na associação (17) é superior ao de homens (3) e no momento da coleta de dados, dois dos trabalhadores homens estavam trabalhando na coleta seletiva realizada nas ruas e não na usina de triagem. Os entrevistados têm entre 20 e 55 anos; possuem escolaridade baixa, sendo que 5 deles possuem Ensino Fundamental incompleto; 1 possui Ensino Médio incompleto e apenas 1 possui Ensino Médio completo. Em relação à renda mensal, todos afirmaram receberem entre R\$ 510,01 a R\$ 765,00. No que se refere ao tempo em que trabalham na associação de

recicladores, a maioria (4) está neste emprego entre 1 e 3 anos; outros dois estão há menos de um ano e apenas 1 está há mais de cinco anos nesta atividade.

Os dados foram coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas, gravadas com a permissão dos entrevistados e posteriormente transcritas. Desta forma, as entrevistas permitiram ao entrevistado discorrer livremente sobre o tema tratado, ampliando as informações para análise. As entrevistas foram realizadas no local de trabalho dos entrevistados, com duração de aproximadamente vinte minutos cada uma. Ao final foram apresentadas quatro fotografias do ambiente de trabalho dos entrevistados e foi solicitado que estes relatassem o significado atribuído àquelas fotografias. Com isso, buscou-se analisar a percepção dos trabalhadores sobre o ambiente de trabalho e a influência disso no sentido que atribuem ao trabalho em si.

Como a entrevista semi-estruturada representou a principal fonte de coleta de dados, os discursos foram analisados cuidadosamente. Segundo Triviños (1987) o relato individual é um instrumento para entender o contexto real, uma vez que o discurso individual expressa o coletivo. Desta forma os discursos obtidos representam o coletivo, pois cada indivíduo em sua totalidade produz e reproduz o fato social vivenciado no dia-a-dia.

O presente estudo baseia-se na perspectiva construcionista social, adotando assim, a proposta de análise da produção de sentidos. Utilizando-se a perspectiva das práticas discursivas da produção de sentidos, tem-se a análise dos significados, cuja ênfase é a linguagem em uso. Spink (2000, p.41) define sentido como “[...] uma construção social, um empreendimento coletivo, mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com situações e fenômenos a sua volta”.

Nesta perspectiva, a abordagem sócio-construcionista foca a ‘interanimação’ dialógica, ou seja, o diálogo que se constrói na relação com o outro. De acordo com Spink (2000, p. 60) trata-se de “[...] identificar processos pelos quais as pessoas descrevem, explicam e/ou compreendem o mundo em que vivem, incluindo elas próprias”. Assim, esta autora afirma que a análise construcionista deve compreender as ações e práticas sociais e os sistemas de significação que dão sentido ao mundo.

4 Interpretando o sentido do trabalho para os catadores de materiais recicláveis

Nesta parte apresentam-se os dados coletados por meio das entrevistas semi-estruturadas realizadas. Objetivando demonstrar de forma clara e concisa as informações colhidas neste estudo, optou-se por dividir esta análise em quatro partes: (i) A trajetória de vida dos catadores e sua relação com o trabalho; (ii) A atividade de catador de material reciclável; (iii) O sentido do trabalho para os catadores de materiais recicláveis e, por fim, (iv) “O lixo pode ser mais que lixo”: o sentido visual do trabalho.

4.1 A trajetória de vida dos catadores e sua relação com o trabalho

A trajetória de vida dos catadores é comum em uma série de fatos que nortearam o caminho por eles percorrido. Na sua maioria, são indivíduos que conviveram com a pobreza, a miséria e passaram por dificuldades na vida. São advindos de famílias numerosas, em muitos casos, desestruturadas e tiveram que colaborar, desde cedo, para o sustento da casa. No que se refere ao trabalho, trata-se de indivíduos que já atuaram em diversos tipos de empregos, sendo que, em alguns momentos, enfrentaram também o “fantasma” do desemprego, buscando em vão, uma colocação no mercado de trabalho.

Observou-se que a vida dos catadores é marcada pelo sofrimento e pela dificuldade para sobreviver, advinda principalmente do fato de terem nascido em famílias pobres, com muitos filhos e por esse motivo haver a necessidade de colaborarem com o sustento do lar. É o caso dos entrevistados E.1 e E. 3, que revelaram:

“Bom, eu nasci numa família pobre. Nós éramos muitos irmãos e as coisas não eram fáceis” (E. 1);

Eu sou de uma família muito pobre. Nós somos sete irmãos. Meus pais são separados. Ele saiu de casa eu ainda era bem pequena e minha mãe casou de novo, mas também não deu certo e ela separou. Ai a gente tinha que ajudar em casa, né, porque era muita gente e pouco dinheiro pra comprar as coisas que precisava. Muita gente ajudava a gente, mas sempre faltava muita coisa (...) (E. 3).

Por meio do relato da entrevistada E. 3 observou-se que os catadores provêm de famílias desestruturadas, com pais separados e filhos que ficaram na companhia da mãe, uma vez que o pai saiu de casa. Percebeu-se a necessidade de trabalhar, ainda jovem, pois era pouca a renda para sustentar tantas pessoas. Embora a sociedade ajudasse com doações, não era suficiente para suprir a escassez existente.

A inserção dos entrevistados no mercado de trabalho se deu, em sua maioria, em outras atividades, que não a de catador. Observou-se que trabalharam em diversos tipos de empregos, caracterizados principalmente pelo serviço árduo e mal pago, como o de trabalhador rural (apanhador de café, algodão, feijão), doméstica, *babá*, varredor de ruas, dentre outros. A entrevistada E. 5, inclusive já havia trabalhado com materiais recicláveis, porém, era catadora autônoma, ou seja, recolhia os materiais em uma carroça e depois vendia, não estando vinculada a nenhuma associação de recicladores, conforme mencionado por ela.

(...) Com quinze anos eu comecei a panhar café. Depois eu parei e fui varrer rua na exposição. Depois eu fiquei parada porque eu tive meus meninos, aí quando meu menino estava com quatro meses eu comecei a trabalhar aqui (...) (E. 1).

(...) Eu comecei a trabalhar com 14 anos como babá, depois o outro (emprego) eu tinha dezesseis anos, e trabalhava de doméstica, fazendo faxina. Trabalhei mais de um ano assim. Aí eu consegui aqui e vim trabalhar aqui (...) (E. 3).

(...) Quando eu vim pra cá eu tava trabalhando de doméstica. Em 1996 foi meu último trabalho fichada. Eu sou cozinheira e trabalhava em uma firma lá em São Joaquim de Bicas. Ai quando eu vim pra Arcos eu trabalhava de doméstica, limpava umas casas durante a semana. Renda muito pouca (...) (E. 4).

Antes de vir pra cá eu tava no café. Fiquei lá seis meses, porque a safra é de seis meses, terminou, acabou. De lá eu vim pra cá. Mas antes eu já trabalhei no café de outras cidades. Aí foi onde que eu mexi com a panha de algodão, de feijão. Aí depois eu fui pra reciclagem. Mas a que eu mais gosto é a reciclagem. Lá em Belo Horizonte eu mexia com reciclagem. Eu trabalhava com a carroça e vendia lá em Venda Nova. Já trabalhei também de doméstica em Mateus Leme, em Contagem. Trabalhei um ano e meio de carteira assinada com um tal de Dr. Flávio (E. 5).

No relato da entrevistada E. 2 percebeu-se que sua inserção no mercado de trabalho é decorrente da necessidade existente após a doença de seu esposo, que não podia mais trabalhar. Segundo ela, a demora para que ele conseguisse se afastar pelo INSS, fez com que as despesas de casa não pudessem ser quitadas. Diante dessa dificuldade, a entrevistada não encontrou outra saída senão trabalhar para manter a família.

(...) Depois eu casei, mas as coisas não melhoraram muito nada. Eu não trabalhava. Só cuidava da casa e dos filhos. Depois eu resolvi trabalhar pra ajudar em casa. Meu marido adoeceu e ficou parado dentro de casa e as coisas ficaram bem piores, viu. Meu marido era pedreiro, mas ele ficou muito doente. Aí ele foi fazer perícia no INSS e demorou muito pra ele encostar. Aí não tinha quem punha comida dentro de casa e eu tive que resolver, né (E.2).

Já o entrevistado E. 6 não havia trabalhado antes de se tornar catador de material reciclável, sendo este, então, seu primeiro emprego. Ele procurou trabalho em vários locais e não obteve sucesso em sua busca. Não lhe restou alternativa, senão, procurar a associação de recicladores, onde conseguiu emprego.

(...) Meu pai sempre trabalhou, mas ganha salário mínimo e fica difícil, né. Minha mãe também trabalha, mas a gente paga aluguel. Ainda mais quando a gente cresce, quer comprar as coisinhas da gente. Então quando eu fiquei maior, né, eu comecei a procurar emprego. Eu procurei num tantão de lugar e não conseguia. Aí eu fiquei sabendo daqui por parte de uma vizinha e vim aqui conversar com a presidente. Ela então deixou eu trabalhar e eu tô aqui até hoje (E. 6)

Todos os trabalhadores possuem uma trajetória de vida marcada pela luta para sobreviver. Observou-se que as dificuldades são vivenciadas por eles desde a infância, uma vez que tiveram de conviver com baixa renda para sustentar famílias numerosas, onde a comida e o conforto eram escassos. Nessas condições, o fato de trabalhar era uma necessidade cada vez mais latente na vida dessas pessoas. O desemprego e a dificuldade para conseguir um trabalho levaram esses trabalhadores à atividade de catadores de materiais recicláveis.

4.2 A atividade de catador de materiais recicláveis

Percebeu-se que a maioria dos trabalhadores não escolheu a atividade de catador de material reciclável como trabalho. Diante da necessidade de obter renda para manter a si próprios e à família, não tiveram alternativa senão a de trabalharem com o “lixo” e tirarem de lá seu sustento.

Não escolhi, era porque era difícil arrumar serviço, né. Aí eu tinha uma conhecida que trabalhava aqui. Aí eu vim pra cá (E. 2).

Essa atividade eu não conhecia muito não. Eu vim a conhecer depois que eu trabalho aqui. É igual eu te falei, foi no momento que eu precisava e sabe, eu gostei (E. 4).

Através do relato da entrevistada E. 5 observou-se que a escolha de atuar na atividade de catador de material reciclável relaciona-se também com o fato de proporcionar uma renda muitas vezes superior a outras em que ela já atuou. O fato de já ter trabalhado em serviços “pesados” que exigem grande esforço físico do trabalhador e com remuneração baixa, faz com que os catadores considerem sua atividade superior se comparada com aquelas em que já trabalharam.

A gente quando é muito pobre, filha, a gente não escolhe trabalho não. Você vê que eu já trabalhei com tudo quanto há nessa vida. Já trabalhei muito no sol, na chuva, pra ganhar miséria. Com a reciclagem, a gente trabalha muito também, mas é um trabalho mais gostoso, menos desgastante. Aí eu fui trabalhar na reciclagem lá em BH e gostei demais. Aí eu quis mexer com isso pra sempre (E. 5).

Em relação aos desafios encontrados no dia-a-dia do trabalho dos catadores, observou-se que estes se relacionam, principalmente, ao fato de a população não separar adequadamente os materiais recicláveis do “lixo” úmido, o que ocasiona na separação feita por eles na associação. Outro desafio apontado diz respeito ao fato de lidar diretamente com o “lixo” e encontrar objetos e coisas bastante desagradáveis entre os materiais recicláveis.

Segundo relatos dos entrevistados E. 5 e E. 6, apesar da coleta seletiva ser realizada, a população nem sempre separa o “lixo” como orientado, ou seja, separando o “lixo seco” do “lixo úmido”. Desta forma, o “lixo seco” é recolhido pela associação e levado para ser trabalhado pelos catadores, e o “lixo úmido” é recolhido pela Prefeitura e levado para o aterro sanitário. O fato de os “lixos” irem para a associação misturados ocasiona um trabalho cansativo e desagradável por parte dos catadores, conforme relatado.

Olha, eu acho que é a falta de consciência da população, sabe. A gente encontra muito lixo úmido junto com os recicláveis. Aí dá um trabalho separar... As pessoas ainda não entende que tem que separar lixo reciclável e manda tudo quanto há pra gente. Aí é difícil. Mas eu acho que com o tempo as coisas melhoram (E. 5).

Olha, é o lixo que nem sempre vem separado. A gente se depara com lixo de banheiro, comida estragada, bicho morto, tudo quanto é podriqueira aparece nesses lixos. E a população tinha que fazer a coleta seletiva, né. Ia facilitar muito pra nós (E. 6).

O fato de trabalhar diretamente com o lixo causa repulsa em muitas pessoas, uma vez que se tem contato com sujeira, mau cheiro, enfim, tudo aquilo que é considerado impróprio para consumo, indesejado, tudo aquilo que não se quer por perto. No entanto, o trabalho dos catadores exige que eles mantenham contato direto com essas substâncias. Alguns entrevistados relataram que esse é o grande desafio que encontram no dia-a-dia na atividade de catador. Eles (E. 4 e E. 7) demonstraram sofrimento ao se verem obrigados a manusear o “lixo” e afirmaram ser desagradável essa atividade. Outros (E. 2 e E. 3) ainda relataram sentir medo ao lidar com o lixo, tendo em vista que frequentemente são encontrados animais roedores e peçonhentos em meio ao “lixo”.

Eu acho que o desafio é trabalhar com o lixo mesmo. Porque muitas pessoas já passaram por aqui. Então muitas ao chegar ali (catação), quando... uma vai começar a trabalhar aqui e abre a sacolinha (de lixo) né, e depara com lixo úmido, muita comida, papel higiênico, aí começa a dar vômito... É muito nojento, tem que ser forte pra agüentar (E. 4).

É trabalhar com o lixo, né. Por que as pessoas falavam, né... que era muito nojento. Eu achei que eu não ia dá conta de trabalhar com lixo... assim, né... Uns falavam que é isso, que é aquilo... Que tem muita porcaria, coisa morta, bicho de varejeira... Aí quando eu cheguei aqui foi que eu vi que era difícil mesmo, mas dava pra agüentar (E. 7).

Eu tenho medo de encontrar um bicho no lixo, né. Do bicho morder a gente, né. Sei lá, a gente encontra cobra sempre por aqui, tem muito rato também, tem barata que vem dentro das sacolas... (E. 2)

A gente trabalhar no meio de animais peçonhentos, né. A gente encontra cobra aqui todo dia. Elas se misturam com o lixo e eu tenho medo (E. 3).

Observou-se que os trabalhadores percebem uma imagem bastante negativa por parte de outras pessoas que se encontram fora deste contexto em relação ao trabalho que realizam. Em sua maioria, eles afirmaram que são tratados de forma preconceituosa, sendo rejeitados e

evitados pela sociedade. Relataram ainda que são humilhados e rebaixados por trabalharem com o lixo, conforme mencionado pela entrevistada E. 1.

Muito ruim, viu. Quando a gente passa no caminhão da reciclagem, algumas pessoas grita assim: “Olha lá os porquinho passando”. A maioria é criança, mas tem uns adultos também. Além disso, eles até mudam de calçada quando percebem que a gente tá recolhendo lixo (E. 1).

Diante do relato acima, percebeu-se que a entrevistada sofre com esse tratamento, pois lágrimas brotaram de seus olhos ao relatar o ocorrido. Mas percebeu-se também certa aceitação por parte dela, como se ela concordasse com os dizeres, em momento algum foi demonstrada indignação em relação ao insulto.

Observou-se que a desaprovação da sociedade pela atividade de catador de materiais recicláveis perpassa os trabalhadores e alcança até mesmo a família, que também enfrenta preconceitos e dizeres maliciosos. Conforme relata a entrevistada E. 4, seus filhos são alvos de comentários maldosos por parte dos “coleguinhas” da escola. Ela demonstrou certa indignação ao ver os filhos passando por essa situação. Demonstrou também o sentimento de culpa ao perceber que os filhos são insultados em decorrência do fato de a mãe (E. 4) ser uma catadora de material reciclável.

Bom, muitos, tirando as crianças, porque as crianças não entende, né. Igual na escola as crianças falam muito com meus meninos: É... porque tudo que a sua mãe usa é do lixo! Eles acham que por eu levar as coisas... Porque tem muita coisa boa no lixo. A gente que é pobre precisa das coisas, né. A gente precisa, a gente pega, né. Então muita criança na escola fala pros meus meninos que tudo que eles usam é do lixo. Esses dias mesmo eu falei com eles: Fala pra eles que não é só do lixo que a gente vive não. Porque eles acham que qualquer coisa que a gente tem é do lixo né, e não é assim. Tem base eles falar isso com meus meninos? Eu fico com dó deles tá passando por isso por causa de mim. (E. 4).

Foi relatado também que outras pessoas parecem sentir pena dos catadores por trabalharem com o lixo. Segundo relato da entrevistada E. 5, algumas pessoas se compadecem ao vê-los trabalhando em meio à sujeira do lixo. Ao demonstrar esse tipo de sentimento, as pessoas não deixam de rebaixar esses trabalhadores. O fato de sentir pena de um indivíduo leva a crer que este está em uma situação desfavorável no conceito de quem sente. Desta forma, os catadores podem perceber o quanto seu trabalho é diminuído pela sociedade.

Tem outros que já sentem é pena, né. Fala assim: Coitado desse povo! Trabalhando no meio do lixo! Fica morrendo de dó da gente! (Risos...) Mas eles é que não sabem que tem serviço pior e que aqui é até bão demais... (E. 5).

Outras pessoas ainda demonstram acreditar que o trabalho de catador é menos digno que outras profissões existentes. O fato de lidar com o lixo coloca essa atividade muito abaixo na concepção da sociedade e, conseqüentemente, rebaixa também os indivíduos que a realizam. Ainda se tratando de atividades que exigem esforço físico e que não ofereçam boas condições de trabalho, elas são consideradas melhores que catar material reciclável no lixo. No relato do entrevistado E. 6, percebeu-se claramente essa distinção.

Ichhh... Não é boa não, sabe. As pessoas pensam que isso aqui não é trabalho de gente. Muitos amigos meus, inclusive, acham estranho eu ter vindo trabalhar aqui. Eles acham nojento e humilhante. Já perguntaram pra minha mãe porque que eu não trabalho de servente de pedreiro, de pintor... Como se fosse melhor que trabalhar aqui. Entende? Ninguém gosta de lixo, né. Então eles também não gostam de trabalhar com lixo, né (E. 6).

Conforme relatado pelos entrevistados, a imagem que a sociedade tem da atividade de catador de material reciclável é que se trata de um trabalho sujo e indigno. Em diversas situações isso parece ser motivo para que os trabalhadores sejam insultados e humilhados por trabalharem nesta atividade. Percebeu-se vergonha, tristeza e, em alguns casos, indignação por parte dos trabalhadores.

Quando foram questionados sobre o desejo de trabalhar em outra atividade, alguns dos entrevistados afirmaram que gostariam que isso acontecesse. Posteriormente, foram questionados sobre o que os impedia de buscar outro emprego, já que desejavam isso. Os relatos demonstram que os catadores estão acomodados, desencorajados e desacreditados. A entrevistada E. 1 afirmou que gostaria de trabalhar em um restaurante como cozinheira. O empecilho para isso demonstra baixa auto-estima e a percepção de preconceito por parte da sociedade. A entrevistada considera que sua aparência (negra e dentes estragados) não condiz com o perfil procurado pelos restaurantes e por isso, mesmo tendo cursos de culinária, ela não busca atuar como cozinheira. Além de uma auto-estima consideravelmente baixa, percebeu-se que existe ainda o sentimento de incapacidade de mudar, de melhorar, de modificar essa realidade.

Eu queria muito trabalhar num restaurante. Gosto muito de cozinhar. Eu tenho cinco cursos de culinária. Eu acho que o que impede é a aparência, né. Minha aparência, né, dente estragado, sou negra... Ainda existe muito preconceito. Acho que as pessoas ficam com nojo de uma pessoa assim como eu mexer com comida, né. Eu acho que é isso (E. 1).

O entrevistado E. 6 relatou que gostaria de trabalhar como vendedor em lojas de roupas e boutiques. Ele considera que o que o impede de buscar atuar nesta atividade é a acomodação. Por se tratar de seu primeiro emprego, o entrevistado não possui outra experiência senão a de catador. Segundo ele, nenhuma loja empregaria um vendedor que já foi catador de lixo. Nesta colocação de E. 6, observou-se o quanto os trabalhadores rebaixam a atividade que realizam, a ponto de mencionar que ela seria o próprio empecilho para que buscassem outras colocações no mercado de trabalho.

Eu acho que é falta de iniciativa mesmo, né. Mas não é fácil, sabe. Tem muito preconceito. Igual eu, nunca consegui outro emprego e eu procurava viu. Acho que é porque eu não tenho experiência. Já pensou eu falar numa loja que a experiência que eu tenho é de catador de lixo? Ai que eu nunca vou conseguir mesmo (E. 6).

No entanto, outras entrevistadas afirmaram que não gostariam de trabalhar em outra atividade. Segundo elas, apesar das dificuldades enfrentadas nesta atividade, estão satisfeitas e pretendem continuar atuando como catadoras de materiais recicláveis. Os motivos que levam a isso são a inexperiência em outros trabalhos (E. 2), a identificação com a atividade (E. 5) e a dificuldade de trabalhar em outra atividade decorrente da idade (E. 7).

Por enquanto não, eu já acostumei né. Também nunca trabalhei com outra coisa. Eu tô bem aqui (E. 2).

Não. Eu gosto demais de trabalhar com reciclagem e quero morrer fazendo isso aqui. (Risos) (E. 5).

Não, viu. Na idade que eu tô eu quero ficar quieta aqui mesmo (E. 7).

Observou-se por meio dos relatos que a atividade de catador de materiais recicláveis não foi uma escolha na vida desses trabalhadores. Na maioria dos casos, ela representou a

saída para a obtenção de renda e abandono do desemprego. Em relação à imagem que esta atividade tem na sociedade, percebeu-se que é considerada desumana, suja, indigna, principalmente por exigir dos trabalhadores o contato direto com o “lixo”. Notou-se que a sociedade além de ter essa imagem negativa da atividade de catador, as pessoas demonstram a desaprovação para os trabalhadores através de insultos, dizeres maliciosos e até mesmo de forma direta. Diante disso, alguns catadores sentem vontade de atuar em outras atividades, mas sentem-se incapacitados e despreparados para isso. Demonstram baixa auto-estima e parecem estar convencidos de que não existe alternativa. Por outro lado, existem também aqueles que, apesar das dificuldades vivenciadas na atividade de catador, mostram-se satisfeitos e dispostos a continuar neste trabalho.

4.3 O sentido do trabalho para os catadores de materiais recicláveis

O trabalho para os catadores de materiais recicláveis surge como instrumento de sobrevivência, na maioria dos casos, em que a remuneração é o centro da relação do indivíduo com o trabalho. Além da própria sobrevivência, observou-se que os catadores vêm no trabalho a oportunidade de adquirir aquilo que sentem desejo. O trabalho como fonte de prazer, que foi também observado em alguns momentos, surge a partir da percepção que têm sobre a importância da atividade de catador para o meio ambiente e do relacionamento vivenciado no ambiente de trabalho, que se mostra amistoso.

Pra mim é muito importante, né. Porque é daqui que eu tiro o sustento dos meus meninos e pra mim também, né (E. 1).

Ele é muito importante, primeiramente porque ele limpa o meio ambiente, e segundo, porque eu preciso mesmo, né (E.3).

Olha, ele significa muito pra mim, porque é com ele que eu posso comprar minhas coisas né. Eu até comprei um celular novo pra mim. Olha aqui (mostrou o celular). Eu compro roupas, calçados, perfume e também ajudo em casa, né. Agora eu posso comprar as coisas que eu sei que minha mãe gosta de comer: iogurte, chocolate, bolachinha e no domingo a gente come um monte de coisa gostosa, sabe. (Risos) Às vezes você tá achando engraçado, né. Mas é porque antes a gente não podia comer essas coisas não. A vida era difícil demais pra gente (E. 6).

Nossa! Significa muito, viu. O que eu ganho aqui eu nunca ganhei em outro lugar, sabe. É uma renda boa (E. 7).

Para os entrevistados E. 1 e E. 7 o trabalho significa a possibilidade de obter renda e sustentar a família, sendo considerado então, fonte de sobrevivência. A entrevistada E. 3 relata, além da necessidade do salário, o fato de contribuir para o meio ambiente através da retirada de materiais que poderiam vir a degradá-lo. Já o entrevistado E. 6, relata a importância do trabalho como forma de adquirir as coisas das quais tem necessidade e também proporcionar bem-estar à família, uma vez que permite que ele compre diversos alimentos que antes não podiam ser consumidos, pois não havia como adquiri-los.

Já para as entrevistadas E. 2 e E. 5 o trabalho é visto como fonte de prazer, uma vez que possibilita que elas se relacionem com outras pessoas, se desenvolvam a partir do trabalho e se sintam úteis por ter algo para fazer. Trata-se de pessoas mais velhas, para as quais o trabalho tem uma dimensão ampliada, uma vez que relaciona-se com o emocional e significa se sentir útil de alguma forma, apesar da idade. Por meio do relato de E. 5 percebeu-se que o trabalho é uma realidade na vida dela desde jovem. Por ser uma senhora muito dinâmica, ela encontra no trabalho a oportunidade de produzir algo e de se realizar por meio disso.

Eu gosto muito daqui. Sinto orgulho do que eu faço. Já trabalhei na coleta da rua, mas agora tô aqui e gosto muito. O pessoal aqui é muito divertido, alegre. A gente faz muita amizade aqui e é muito bom isso, né (E. 2).

Ah, ele significa muito pra mim. Eu não tenho muita coisa na vida a não ser o trabalho. Meus filhos já tão tudo casado e só fica eu e o “velho”. Então eu gosto muito do trabalho, porque é uma ocupação pra mim. Pra gente não ficar desocupado demais. Eu trabalho desde menina. Eu não gosto de ficar a toa não. Eu quero trabalhar até morrer (Risos) (E. 5).

Os trabalhadores afirmaram que o que mais os satisfazem no trabalho são os colegas de serviço que são pessoas divertidas, alegres e descontraídas. Segundo relatos, mais que companheiros de trabalho, tem-se um relacionamento de amizade e ajuda mútua, que possibilita um ambiente de confiança.

O que mais me satisfaz aqui é as amizades que eu tenho aqui. Aqui todo mundo passa dificuldade, sabe. Um dia eles juntaram e fizeram uma cesta pra mim porque as coisas ficou difícil naquele mês e eu não pude comprar as coisas (comida), sabe. (E. 1).

Eu acho que as pessoas aqui são alegres. Não que seja um ambiente limpinho, bonito... mas é alegre. Mesmo sendo um trabalho puxado (E. 2).

O fato de trabalhar com pessoas amigas, que dá certo, né. Igual eu já trabalhei em firma e é diferente (E. 4).

Como aquilo que mais incomoda os trabalhadores apareceram fatores como o desempenho da tarefa, que exige movimentos repetitivos e esforço físico e também o transporte usado para levá-los para a usina de triagem (caminhão com carroceria), custeado pela Prefeitura. Segundo relatos, o transporte não é seguro, além de ser desconfortável. Esse meio de transporte utilizado pela associação não deixa de ser uma forma de desvalorizar esses trabalhadores. Indica que eles podem ser transportados de qualquer maneira, sem os devidos cuidados com a segurança e integridade física dos mesmos. Observou-se que eles também percebem esse descaso.

É porque o trabalho é puxado, a gente carrega muito peso e dá dor na coluna, sabe. Quase todo mundo aqui reclama de dor na coluna. A posição, o dia inteirinho, agacha, levanta, agacha, levanta...(E. 3)

É o transporte nosso. É o mesmo caminhão que a gente usa pra pegar o lixo na cidade. Foi a Prefeitura que arrumou pra nós. É muito desconfortável e ninguém gosta de vim nele. Tem dias que eu venho a pé mesmo porque eu moro aqui perto, né. (E. 5).

O que mais me incomoda é o caminhão que trás e leva a gente. A gente vem parecendo que tá carregando “porco”. E não tem segurança nenhuma. Esses dias uma colega nossa caiu e cortou a cabeça. É perigoso (E. 6).

O sentido que os catadores de materiais recicláveis atribuem ao trabalho refere-se principalmente à necessidade de trabalhar para sobreviver e sustentar a família. A renda que obtêm por meio desta atividade proporciona a possibilidade de adquirirem aquilo que antes não podiam, mas tinham desejo de possuir. Por se tratar de trabalhadores que enfrentam dificuldades no dia-a-dia e mesmo em decorrência da não aceitação da atividade de catador, por parte da sociedade e de todos os preconceitos vividos, fica difícil pensar o trabalho como

fonte de prazer e desenvolvimento pessoal. Embora para algumas poucas entrevistadas o trabalho tenha esse sentido prazeroso advindo da possibilidade de se sentirem úteis, mesmo estando mais velhas.

4.4 “O lixo pode ser mais que lixo”: o sentido visual do trabalho

A usina de triagem está localizada na zona rural de Arcos. Ao se aproximar do local, por uma estrada de terra, tem-se no alto uma imagem bastante desagradável: uma montanha de “lixo”, muitos papéis voando, pássaros (urubus) pousando em busca de comida. A percepção da pesquisadora sobre aquela imagem foi de desolação, tristeza e destruição. Ao adentrar a usina, tem-se primeiramente o aterro sanitário, para onde é levado o “lixo úmido” e ao fundo, tem-se o galpão onde os catadores separam e recolhem o “lixo seco”. A imagem que se tem deste galpão não é diferente daquela vista antes de se chegar à usina: são “lixos” bastante sujos, amontoados em diferentes locais. Os trabalhadores ficam em meio a tudo aquilo e a fisionomia deles demonstra cansaço e sofrimento. Ao se aproximar do galpão, a pesquisadora ficou durante alguns minutos observando aquela cena. Foi de onde surgiu a ideia de fotografar aquele lugar e posteriormente mostrar aos catadores com o intuito de apreender o sentido que a imagem do local de trabalho tem para cada um deles.

Os resultados foram totalmente contrários às percepções da pesquisadora. Os catadores não consideram que as imagens demonstrem desolação ou tristeza. Para eles trata-se do trabalho que realizam e da renda que aquele trabalho proporciona. Eles já incorporaram o trabalho e por isso aquele ambiente “desagradável” é visto com naturalidade, conforme demonstram os relatos.

Quando eu olho isso aqui, eu vejo que tem bastante lixo reciclável, né. Então vai dar uma boa grana no final do mês (risos) (E. 1).

Significa o que eu faço, né. Eu trabalho com o lixo. É meu trabalho (E. 3).

Por meio do relato de E. 1, observou-se que o lixo amontoadado deixa de ser simplesmente o lixo. Passa a ser a fonte de renda que garantirá seu salário no final do mês. O lixo é ressignificado para os catadores, através do contato direto que mantém com o mesmo e em decorrência da importância que o trabalho tem na vida de cada um.

O lixo pode ser mais que lixo, né. Isso pra mim significa o salário que a gente vai receber. Porque é dali que eu tiro meu salário, né. Quanto mais alto tiver esse monte, mais dinheiro vai dar (E. 6).

Olha, isso pra mim é renda, né. É lixo que vai me dar a renda que eu preciso pra pagar as contas, comprar as coisas, né. E espero que tenha sempre mais lixo, porque quanto mais tem, mais renda pra nós, né (Risos) (E. 7).

Ao mencionar que “o lixo pode ser mais que lixo”, o entrevistado E. 6 demonstra que, para ele, o “lixo” tem uma dimensão expandida, por representar aquilo que gera a renda necessária para sobreviver. Assim, o lixo deixa de ter um significado negativo atribuído à sujeira, ao mau cheiro, aquilo que as outras pessoas rejeitam e torna-se algo positivo na medida em que possibilita que E. 6 tenha condições financeiras para adquirir o que tem necessidade. Esse fato evidencia-se também no momento em que E. 7 relata que através do “lixo” ela pode “pagar as contas, comprar as coisas”. A imagem do “lixo” significa tudo aquilo que torna-se possível por meio do trabalho por eles realizado.

Observou-se que o ambiente desorganizado, sujo e desolado, visualizado pela pesquisadora nas imagens registradas, alcança status de normalidade para os catadores de materiais recicláveis.

Eu acho normal. É onde eu trabalho, né. É igual esse computador pra você. Eu mexo com isso o tempo todo. Aqui (fotografia) tá bom por que tem muito (lixo), né. Na hora que acaba, fica limpinho... Ai a gente fica torcendo pra chegar mais, porque a gente vive disso, né (risos) (E. 2).

Conforme mencionado por E. 2, o monte de lixo é visto por ela como um instrumento de trabalho que necessita ser utilizado para que os resultados sejam alcançados. Ela chega a compará-lo a um computador, demonstrando a aproximação existente entre indivíduo e trabalho. Ao invés de rejeitar aquele “lixo” fotografado, ela deseja que tenha sempre mais, pois assim seu trabalho está garantido.

Eta lixo bão, hein! (Risos) Quando eu olho esse monte de lixo eu fico feliz demais, porque tem muita coisa pra gente catar e então vai dar um dinheirinho bão pra nós no fim do mês, né. Quando eu vejo esse lixo me dá uma vontade de remexer isso aí... (Risos) (E. 5).

No relato de E. 5 percebeu-se sentimento de felicidade diante das imagens apresentadas. Trata-se de uma visualização positiva em relação ao ambiente de trabalho. O sentimento expresso é resultante da possibilidade de obter renda com o trabalho realizado. O fato de lidar diariamente com o lixo, torna os catadores familiarizados com o mesmo.

O sentido visual do trabalho, explorado neste estudo a partir da captura de imagens do local de trabalho e posterior apresentação aos catadores, reafirma sua relação com a sobrevivência desses trabalhadores. Ao relatarem que o “lixo” visualizado significa a possibilidade de obter renda, o sentido do trabalho volta-se para o lado econômico/financeiro e não é visto como realização e valorização do trabalhador.

5 Considerações Finais

Este estudo buscou apreender o sentido do trabalho para catadores de materiais recicláveis atuantes em uma usina de triagem de resíduos urbanos. Para tanto, realizaram-se entrevistas e por meio destas foi possível analisar: (i) a trajetória de vida dos catadores; (ii) a atividade de catador de material reciclável; (iii) o sentido do trabalho para os catadores; e finalmente, (iv) o sentido visual do trabalho para os catadores.

A trajetória de vida desses trabalhadores mostra que eles enfrentam dificuldades desde tenra idade. A maioria é de origem pobre, advindos de família numerosa, que conviveram com escassez de recursos básicos de sobrevivência. Começaram a trabalhar ainda jovens para ajudar nas despesas do lar. A maioria atuou em outras atividades, que não a de catador, caracterizadas também pelo esforço físico e pela baixa remuneração.

A atividade de catador de material reciclável não foi escolhida pela maioria desses trabalhadores. A necessidade de obter uma renda para sustentar a família e manterem a si próprios fez com que optassem por atuar nesta atividade. O desemprego atrelado à imensa dificuldade em encontrar postos de trabalho disponíveis também foi citado por eles como um fator impactante neste sentido.

Para os catadores os maiores desafios encontrados no trabalho dizem respeito à dificuldade em lidar diretamente com o lixo, tendo em vista a condição desagradável dos resíduos, e também à falta de conscientização da sociedade em separar o “lixo seco” do “lixo

úmido”. Trata-se, portanto, de uma atividade que exige determinação por parte desses trabalhadores, uma vez que, frequentemente, se depara com algumas substâncias repugnantes em meio ao lixo.

O preconceito e a ausência de reconhecimento de sua atividade por parte da sociedade mostram-se um fator bastante influente no sofrimento que os catadores enfrentam no dia-a-dia. Os insultos que a eles são dirigidos, os comentários feitos e a percepção de desprezo, faz com que se sintam diminuídos em relação a outras pessoas. Neste sentido, observou-se que alguns aceitam essa condição enquanto outros se revoltam, mas em ambos os casos, não existe nenhuma reação.

O sentido do trabalho para os catadores é apresentado pela maioria como forma de sobrevivência, a partir do momento em que este trabalho torna possível sustentar a família e adquirir o que têm necessidade, sendo assim visto a partir da remuneração que proporciona. Para outros, o trabalho faz sentido por permitir que se desenvolvam, conheçam pessoas, se relacionem em um ambiente. O trabalho, nessa concepção, é visto como fonte de prazer por tornarem esses trabalhadores úteis na atividade que realizam.

As imagens do local de trabalho capturadas e apresentadas aos trabalhadores reforçaram que, de fato, o trabalho tem para eles um sentido atribuído à sobrevivência. Onde se vê lixo, os catadores vêem renda e oportunidade de trabalhar. Eles ressignificaram o “lixo” e este passou a ter uma dimensão ampliada em suas vidas.

Ao que mostrou este estudo, o sentido do trabalho para os catadores de materiais recicláveis aproxima-se mais do sofrimento que do prazer, embora seja difícil explicar onde começa um e onde termina o outro, tendo em vista que em alguns momentos esses trabalhadores mostraram-se satisfeitos e felizes por estarem lá. Porém, afirmar que se trata de prazer é renegar a trajetória de cada um e todo o sofrimento vivenciado em decorrência do preconceito sofrido pela sociedade.

Nesse sentido, ainda que a atividade de catador de material reciclável tenha sido reconhecida, recentemente, como categoria profissional, faz-se necessário o reconhecimento, por parte da sociedade, da importância que esses trabalhadores têm para a sustentabilidade do planeta. Outra medida importante neste processo é a estruturação da associação, proporcionando melhores condições de trabalho para os catadores.

Referências bibliográficas

ALBORNOZ, S. **O que é trabalho?** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho:** ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 6ª reimpr. São Paulo-SP: Boitempo editorial, 2003.

CARMO, P. S. **A ideologia do trabalho.** São Paulo: Moderna, 1992.

DEJOURS. C.A. **A loucura do trabalho:** estudo de psicopatologia do trabalho. 2a ed., São Paulo, Cortez-OBORÉ, 1987.

DOURADO, D. C. P. **Qualidade de vida no trabalho:** propósitos organizacionais e mecanismos de alienação do homem. 2007. 227p. Tese (Doutorado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

ENRIQUEZ, E. Perda do trabalho, Perda da Identidade. In.: NABUCO, M. R.; CARVALHO NETO, A. (orgs.). **Relações de Trabalho Contemporâneas**. Belo Horizonte: IRT da PUC de MG, 1999. p. 69-83.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1994.

GODELIER, M. Trabalho. In: **Modo de produção, desenvolvimento e subdesenvolvimento**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, v.7, 1986.

GONZÁLEZ REY, F. L. **O social na Psicologia e a Psicologia Social: a emergência do sujeito**. Petrópolis: Pioneira Thomson, 2004.

JUNCA, D. C. M. **Mais que sobras e sobrantes: trajetórias de sujeitos no lixo**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.

MENDES, A. M. B. **Psicodinâmica do Trabalho: teoria, método, pesquisas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MORIN, E. Le sens du travail pour des gestionnaires francophones. *Revue Psychologie du Travail e des Organizations*, 3(2/3), 26-45, 1997.

MORIN, E. Os sentidos do trabalho. In T. Wood (Ed.), **Gestão empresarial: O fator humano** (pp. 13-34). São Paulo, SP: Atlas, 2002.

MORIN, E.; TONELLI, M. J.; PLIOPAS, A. L. V. **O trabalho e seus sentidos**. *Psicologia & Sociedade*; 19, Edição Especial 1: 47-56, 2007.

MOW – **Meaning Of Working**. Webpage desenvolvida por S. Antonio Ruiz-Quintanilla, 1997, rev. por R. Claes, 2003. Apresenta atividades, eventos, pesquisas, publicações e petições do MOW Center. Disponível em: <<http://allserv.rug.ac.be/~rclaes/MOW/>>. Acesso em: 15 jun. 2010.

SPINK, M. J. P. **Os Contornos do risco na modernidade reflexiva: contribuições da psicologia social**. *Revista da Associação Brasileira da Psicologia Social – ABRAPSO*, [S.l.], v. 12, n. 12, jan./dez. 2000.

STOLZ, P. V. **A compreensão dos separadores de resíduos sólidos, em relação ao seu trabalho, saúde e ambiente**. 2008. 247f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VIEGAS, S. Trabalho e vida. In: **Conferência para os profissionais do centro de reabilitação profissional do INPS**. Belo Horizonte, 1989.

VYGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas II: Problemas de Psicología General**. Madrid: Visor Distribuciones, 1991.